

O GÊNERO “DIÁRIO DE LEITURA”: PERSPECTIVAS PARA UMA LEITURA REFLEXIVA NA ESCOLA

Tânia Guedes Magalhães¹

Resumo: Este trabalho apresenta uma intervenção pedagógica baseada no gênero textual *diário de leitura* (MACHADO, 1998; 2004). Utilizamos como pressupostos teóricos as contribuições de Marcuschi (2003) para a noção de gênero e tipo textual, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) de Língua Portuguesa para defender uma abordagem de ensino de língua mais textual-discursiva, com base na concepção de linguagem como interação social (TRAVAGLIA, 2000).

Palavras-chave: ensino de linguagem; gêneros textuais; diário de leitura

Introdução

Na tentativa de colaborar com a aplicação de teorias de Linguagem ao ensino básico, este trabalho apresenta uma intervenção pedagógica com o gênero textual *diário de leitura*, pouco usado e pouco conhecido no meio escolar. Delineamos, num primeiro momento, algumas questões relativas ao ensino de linguagem e à teoria de gêneros textuais. Em seguida, passamos a expor uma pesquisa desenvolvida em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental no ano de 2008. O objetivo da pesquisa era verificar se, com os exercícios e leituras propostos, os alunos eram capazes de a) construir um conceito de diário de leitura, e b) escreverem um texto do gênero em questão. Pretendemos, com este trabalho, contribuir para estudos que versem sobre a aplicação das novas teorias linguísticas no ensino, especificamente a dos gêneros textuais, de modo a auxiliar o professor a realizar um trabalho mais discursivo que metalinguístico em sala de aula

1. Questões de linguagem: gêneros textuais e ensino

Temos assistido, já nem tão recentemente mais, a algumas transformações nas teorias que embasam o ensino de Linguagem – podemos perceber que esse movimento

começou a se dar no início da década de 80. A partir da década de 90, a noção de gênero textual permeou os meios acadêmicos. O advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), também nessa década, trouxe perspectivas de práticas de linguagem mais significativas. Tudo isso acarretou uma mudança na postura dos docentes, ao mesmo tempo em que criou grandes dúvidas. Um breve olhar sobre os livros didáticos atuais nos mostra como as teorias já chegaram às escolas².

Brandão (2000) justifica o estudo teórico dos gêneros, afirmando que as pesquisas nessa área têm por objetivo por “ordem no caos”: é necessário identificá-los, organizá-los e ordená-los na tentativa de melhor compreendê-los. Além disso, toda área do saber aspira à cientificidade; os estudos linguísticos não diferem disso. Para tanto, buscam objetividade, categorização, classificando seu material de análise. Desse modo, muitas são as pesquisas teóricas que contribuem para um maior aprofundamento acerca dos gêneros na atualidade. Ademais, para que possamos aplicar tais teorias ao ensino, essa sistematização é mais que necessária para que possamos elaborar um currículo³ mais adequado às tendências atuais.

Os objetivos do ensino de Língua Portuguesa para o ensino fundamental têm como principal meta levar o aluno a utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e considerar condições de produção do discurso (BRASIL/MEC, 1998).

Como consequência, há um deslocamento da visão corrente de ensino de Linguagem objetivando a reflexão sobre conceitos e capacidade de análise linguística em favor de uma visão enunciativa, na qual se trata de ensinar usos ao invés de análises exclusivamente metalinguísticas: usos de linguagem oral e escrita na compreensão e na produção com finalidade comunicativa em situações específicas do discurso.

Trabalhar com gêneros constitui capacitar o aluno a buscar e adquirir conhecimento por conta própria em toda a variedade de fontes existentes, principalmente a escrita, e interagir com o mundo nas mais variadas situações de comunicação. Isso engloba a capacidade de produzir e compreender textos. Para tal fim, é necessário que sejam adotados determinados pressupostos fundamentais para uma prática de ensino de linguagem consistente e profícua, revendo e aprofundando teorias.

Marcuschi (2003, p. 22) teceu contribuição bastante didática acerca da noção de gênero textual. Para tanto, baseia-se numa noção de língua como

(...) uma forma de ação social e histórica. (...) toda a postura teórica aqui desenvolvida insere-se nos quadros da hipótese sócio-interativa da língua. É neste contexto que os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo.

Os gêneros – que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia – são eventos textuais altamente maleáveis, adaptando-se às necessidades sociais, à medida que há evolução social e tecnológica e necessidade do surgimento de novos gêneros, tanto na oralidade quanto na escrita.

Fundamental para o trabalho escolar com a língua é a diferença entre gêneros e tipos textuais. Suas designações não dizem respeito somente à natureza linguística, mas sim às características sócio-comunicativas. Dessa forma, tipo textual é a expressão que designa uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Para os tipos textuais, predomina a identificação de sequências linguísticas típicas como norteadoras. Assim, um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto.

Já gênero textual é uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição características. Os gêneros, por isso, são inúmeros (MARCUSCHI, 2003, p. 22).

Termo anteriormente ligado aos gêneros literários, são eventos linguísticos, mas não se definem por características linguísticas e, sim, por atividades sócio-discursivas. Atualmente, é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, com ou sem aspiração literária. Desse modo, o autor nos alerta sobre o domínio dos gêneros: quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Aqui, o predomínio da função supera a forma na determinação do gênero, o que evidencia a

plasticidade e dinamicidade dos gêneros. Eles se fundam em critérios externos (sócio-comunicativos e discursivos) enquanto os tipos textuais fundam-se em critérios internos (linguísticos e formais).

Percebemos que essa noção traz uma implicação direta para o trabalho com o texto na sala de aula, tornando-se, essa teoria, basilar ao professor. Contudo, temos nos questionado se os professores têm se apropriado de forma consistente desses conhecimentos de forma que possam incorporá-los à sua prática escolar. Desse modo, a intervenção aqui apresentada contribui para uma prática mais reflexiva e crítica com o texto.

2. O gênero textual *diário de leitura*

Segundo Machado et al (2004, p. 63), o diário de leitura é considerado um gênero textual que ajuda o leitor a ter uma atitude ativa, interativa e crítica sobre o texto lido. Possibilita o desenvolvimento da escrita, do trabalho intelectual em geral e do desenvolvimento pessoal (2004, p. 64). Nesse sentido, o diário de leitura não é o mesmo que diário íntimo, aquele que escrevemos sobre a vida, mas sim um diário reflexivo sobre as leituras realizadas. Em outras palavras, não basta apenas escrever impressões e relações do texto com a própria vida, é preciso sempre retornar ao texto e dialogar com ele.

No diário de leitura, estabelecemos um diálogo tão informal com o texto lido que podemos compará-lo a um diálogo com um amigo. Como consequência, as ações envolvidas nessa produção compreendem “falar”, “escutar”, concordar, discordar, interferir, “perguntar”, num movimento contínuo de reflexão (2004, p. 66). Importante destacar que o diário de leitura é uma produção que se faz *durante* a leitura de um texto qualquer, e não posteriormente.

A produção de um diário de leitura envolve ações como manifestar compreensão ou incompreensão sobre o que o texto lido diz; sintetizar ou fazer paráfrases; pedir esclarecimentos ou fazer perguntas, quando não se compreende alguma palavra, algum trecho ou o conteúdo global do que é dito; concordar ou discordar com determinada posição; acrescentar argumentos favoráveis ou contrários à posição do interlocutor; dar exemplos sobre o que o autor afirma; emitir avaliação – positiva ou negativa – sobre o que o interlocutor diz

ou sobre a forma como diz; expressar reações e emoções; relacionar o que é dito a alguma experiência pessoal.

Em vista disso, o diário reflexivo de leitura é um instrumento que favorece um novo tipo de relação na sala de aula, facilitando a elaboração de um discurso mais pessoal do aluno, levando a uma troca mais efetiva e a modificação produtiva das relações sociais que se estabelecem em sala. Configura-se como um instrumento que permite ao aluno conscientização, reflexão sobre seus próprios processos, tanto de leitura e de produção, quanto de aprendizagem em geral, além de permitir que os professores detectem o estado real de cada aluno em relação a esses processos, podendo ele, assim, interferir mais eficazmente no seu desenvolvimento. Entendemos que o gênero em questão proporciona uma atividade de leitura e produção textual muito eficiente para o aluno reflexivo que queremos formar.

3. Metodologia

A intervenção pedagógica em questão pretendia verificar se, com a sequência de exercícios propostos, que será descrita abaixo, os alunos eram capazes de a) construir um conceito de diário de leitura para, após, b) escreverem um texto de sua própria autoria do gênero em questão.

A pesquisa foi realizada com uma turma de 8º ano do ensino regular do Colégio de Aplicação João XXIII, durante o ano de 2008, que totalizava 32 alunos. O público dessa escola é bem diverso, agregando alunos oriundos de famílias de diversas classes sócio-econômicas. A pesquisa foi desenvolvida no mês de março de 2008. Utilizamos, para tal, 20 aulas de 50 minutos.

A análise dos dados foi feita por meio de observação em sala de aula e notas de campo, quando se tratava de exercícios orais; a análise dos textos dos alunos foi feita qualitativamente à medida que se produzia e se recolhia os textos para correção, quando se tratava de exercícios escritos.

Nessa análise, optamos por trabalhar com duas grandes categorias intrínsecas ao diário de leitura, “resumo” e “opinião”, já que, em outras experiências, observamos que os alunos produzem o diário de leitura como um resumo da obra.

4. Intervenção e análise dos dados

A intervenção pedagógica contou com cinco etapas para alcançar o objetivo final, que era a apropriação do gênero *diário de leitura*, as quais passamos a descrever.

Etapa 1

Primeiramente, como desconheciam totalmente tal gênero⁴, fizemos, por meio de uma atividade de leitura oral, uma apresentação de um exemplo de diário de leitura, (ANEXO 1). Em seguida, foi realizado um exercício⁵ de identificação das características principais do gênero a partir de atividades elaborados para esse fim (ANEXO 1).

Na análise dessa etapa, observamos que a maioria dos alunos⁶ percebeu que, no segundo parágrafo, há opinião das autoras, citando as palavras “*concordamos*” e “*discordamos*” para comprová-la. Além disso, quase a totalidade dos alunos detectou a presença de uma relação entre ficção e realidade. Por fim, todos os alunos compreenderam, já nessa primeira leitura, que “*há resumo e opinião das autoras ao longo do texto*”.

Etapa 2

Nesta segunda etapa, realizamos mais duas leituras do gênero estudado e procedemos a uma análise da compreensão por meio de exercícios escritos (ANEXO 2).

Nessa análise, notamos que a grande maioria respondeu afirmativamente, retirando o trecho “*Quando vi esse livro, fiquei com muita vontade de ler, pois o título parece muito comigo, porque tenho dois meio-irmãos, assim como o livro.*” para comprovar que as emoções e sentimentos permeiam o diário de leitura. Na atividade seguinte, a maior parte dos alunos marcou todas as opções, com exceção da última, confirmando nossa expectativa.

Etapa 3

Após essas etapas, em que verificarmos que os alunos já haviam abstraído das leituras alguns aspectos do gênero, passamos a elaboração do conceito de diário de leitura, usando as

reflexões feitas até então, agregada a mais alguns exercícios que auxiliariam, também, nesta etapa (ANEXO 3).

No exame dessa etapa, a maior parte dos alunos compreendeu que o diário de leitura é um texto que se escreve ao longo de uma leitura, e não ao final. Como desvantagens de se fazer o diário depois da leitura completa, os alunos sugeriram “*esquecer as partes mais interessantes*”, “*perder detalhes da história*”, “*esquecer nomes de personagens*”. Sobre a diferença entre resumo e diário de leitura, os alunos perceberam as duas grandes categorias com as quais propusemos, inicialmente, trabalhar: o diário de leitura está diretamente ligado à opinião do autor, ao contrário do resumo, que apenas expõe o conteúdo lido de maneira sucinta.

A grande maioria dos alunos conseguiu formular um conceito para diário de leitura, alguns dos quais transcrevemos abaixo⁷:

Exemplo 1

O gênero diário de leitura tem como objetivo informar ao leitor suas opiniões sobre o texto lido. Ele é formado por relatos e principalmente opiniões, nele também deve conter relações do texto com a vida real e comentários sobre a linguagem. (Rafael, 8º ano)

Exemplo 2

“Diário de leitura” é um gênero que envolve vários fatos, tais como relato, opinião, comparação... Nele, é preciso expressar opiniões, decepções, emoções, sobre um, livro. Assim, “diário de leitura” é para ser escrito ao longo da leitura desse livro, escrevendo o que você achou que seria, o que realmente foi, etc. (Lucas, 8º ano)

Percebemos que, após as leituras dos textos aliadas a exercícios bem elaborados de apreensão dos tipos de sequência que compõem o diário, o aluno é capaz de elaborar um conceito sobre o gênero estudado.

Etapa 4

Feitas algumas considerações sobre o conceito elaborado pelos alunos, realizamos a etapa de elaboração de um diário de leitura individual, com base na leitura coletiva de uma crônica (*Essas mães maravilhosas e suas máquinas infantis*, de Carlos Eduardo Novaes). Para realizar essa etapa, fizemos a leitura das orientações dadas por Machado et al (2004) para

facilitar a elaboração do texto (ANEXO 4). Dividimos a crônica em quatro partes para que os alunos fizessem o exercício de escrever logo após a leitura de cada parte (título + parte 1 + parte 2 + parte 3). A tendência é que o aluno leia o texto todo para, ao final, realizar o diário. Contudo, enfatizamos que o diário deve ser produzido *durante* a leitura. Assim, após a leitura do título, os alunos fizeram sua primeira reflexão, a qual transcrevemos abaixo:

Título: “Essas mães maravilhosas e suas máquinas infantis”

Autor: Carlos Eduardo Novaes

A impressão que dá ao ler o título desta crônica é que as mães têm filhos muito agitados, que parecem estar “ligados na tomada”, e suas mães são muito boas.

(Carlos, 8º ano)

Após a elaboração de uma primeira impressão, procedemos à leitura das outras três partes separadamente. À medida que líamos as partes, os alunos teciam seus comentários, cujos trechos apresentamos a seguir.

A atitude da mãe de Paulinho foi incorreta, pois ela está querendo que seu filho seja superior aos seus colegas. Ela poderia deixar Paulinho fazer as mesmas coisas que os seus amigos, assim ele não seria inferior.

(Felipe, 8º ano)

Esse fato não acontece hoje em dia, criança de 6 anos ter responsabilidade de adulto, e acho que nem depois de alguns anos isso vai acontecer.

(Raquel, 8º ano)

A crônica teve também uma moral, não é necessário fazer seu filho amadurecer mais rápido porque quando cresce, via viver a vida brincando!

(Marta, 8º ano)

Percebemos que, após a leitura de diários, a realização de exercícios e testagem da compreensão acerca do gênero trabalhado, os alunos foram capazes de se posicionar diante da crônica lida, não se limitando apenas a relatar o conteúdo, nem a dizer se “gostaram” ou “não gostaram”, o que geralmente acontece quando o aluno tem uma atitude passiva diante do texto.

Etapa 5

Após essa atividade, realizamos a leitura de mais um texto teórico (ANEXO 5) sobre o gênero textual diário de leitura, a fim de sistematizar todas as informações obtidas tanto da leitura anterior quanto oralmente.

Considerações finais

Embora não tenhamos procedido a uma análise quantitativa, a apreciação dos textos dos alunos permite-nos afirmar que houve elaboração do conceito de diário de leitura e produção do próprio diário, que eram nossos objetivos iniciais. Assim, eles apreenderam o gênero, para uso futuro. A prática da reflexão e de registro sobre o lido possibilita uma ruptura com um modelo passivo de leitura que, acreditamos, impera nas escolas ainda hoje. Esse tipo de intervenção constituiu-se, portanto, um terreno fértil para aprofundamento de questões de aplicação pedagógica das teorias de Ensino de Linguagem.

Ressaltamos que, nessa intervenção, trabalhamos com duas grandes categorias no interior do diário, o “resumo” e “opinião”. Durante o ano letivo, elaboramos exercícios para aprofundar o estudo do gênero, o que não foi nosso foco nesse trabalho.

Consideramos que a sequência apresentada constitui um instrumento para o professor para uma prática de leitura e produção de textos efetiva em sala de aula. O desenvolvimento desse gênero auxilia o aluno a ter uma atitude mais ativa diante do texto, o que fornece uma base de análise de textos diversos, auxiliando-o em qualquer leitura que realizar.

Consoante Rojo (2002), atualmente há um enorme fosso entre a postura teórica adotada nos documentos oficiais e as práticas de leitura e produção de textos em sala de aula, já que os documentos não devem ser legíveis e compreensíveis por si mesmos. Há necessidade de formação continuada de professores, elaboração de materiais e outras ações necessárias a uma prática realmente eficiente.

Em vista das breves reflexões aqui expostas, destacamos a importância de trabalhos que versem sobre a necessidade de revisão dos currículos nas escolas. Tanto os PCN quanto os teóricos, que muito têm contribuído para o trabalho escolar com os gêneros textuais no ensino de língua, oferecem boas reflexões sobre o tema em questão. Devemos pensar na

adequação dos pressupostos às realidades escolares, bem como na sua atualização para as novas implementações.

**THE GENRE “READING DIARY”:
PROSPECTS FOR A REFLECTIVE READING IN SCHOOL**

Abstract: *This paper presents a pedagogical intervention based on the textual genre reading diary (MACHADO, 1998, 2004). We used the theoretical contributions of Marcuschi (2003) to the notion of genre and textual type as well as the National Curricular Parameters for Portuguese Language (1998) to defend a more discursive textual approach to language teaching, based on the concept of language as social interaction (TRAVAGLIA, 2000).*

Key words: *language teaching; textual genres; reading diary*

Notas:

¹ Doutora em Letras - Linguística e Ensino pela UFF, professora do Colégio de Aplicação João XXIII – UFJF. tania.magalhaes@uffj.edu.br

² ROJO et al, 2003.

³ Estamos concebendo currículo de acordo Moreira (2000).

⁴ Ao apresentar aos alunos o nome do gênero que seria trabalhado, constatamos que 100% nunca haviam ouvido falar em *diário de leitura*, nem mesmo tinham sugestões sobre ele.

⁵ Os exercícios elaborados para essa pesquisa foram retirados de MACHADO et al (2004); transcrevemos alguns e adaptamos outros.

⁶ Os nomes dos alunos usados nesse artigo são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

⁷ Transcrevemos os textos dos alunos idênticos aos originais, sem a reescrita que realizaram após a correção (para adequações de pontuação, ortografia, adequação lexical e demais casos).

Referências Bibliográficas

BRASIL/MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 106 p.

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRANDÃO, H. N. (org) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, divulgação científica*. Cortez: 2000.

DIONÍSIO, A. P. ; MACHADO, A. R. ; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. São Paulo, Ática: 1984.

MACHADO, A. R.; ABREU-TARDELLI, L. S.; LOUSADA, E. *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. Coleção Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos.

MACHADO, A. R. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Trabalhos de pesquisa: diários de pesquisa para a revisão bibliográfica*. São Paulo: Parábola, 2007. Coleção Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P. ; MACHADO, A. R. ; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro, Lucerna: 2003.

MOREIRA, A. F. B. As reformas curriculares como instrumentos da escola d, do professorado e do aluno. *Cadernos para o professor*. Juiz de Fora (Prefeitura Municipal de Juiz de Fora) , nº. 10, jun. 2000.

ROJO, R. *A concepção de leitor e produtor de textos nos PCNs: “Ler é melhor que estudar”*. In: FREITAS, M. T. A. et al (orgs.). *Leitura e escrita na formação de professores*. Juiz de Fora: UFJF, 2002.

ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (orgs) *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. (trad e org Roxane Rojo). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ANEXO 1 – TEXTO E EXERCÍCIO UTILIZADOS NA ETAPA 1

TEXTO 1

Ao lermos o título desta crônica, entendemos que a mulher fosse casada e vivesse com somente um homem, sendo fiel a ele em todos os sentidos. Mas com o decorrer da história, percebemos que o título tinha outro sentido e que se tratava de um problema de relacionamento entre casais, pois ele era um homem solitário, isolado de tudo e de todos. Entendemos também que, com o passar do tempo, a felicidade que ela não encontrava junto de seu marido passou a procurá-la com outras pessoas.

Por um lado, concordamos com a atitude descrita da mulher, pois com muita paciência ela tentou ajudá-lo a mudar seu jeito de ser e agir, mas por outro lado, discordamos, pois as atitudes que ela teve

mudaram totalmente a sua personalidade, passando a ser uma pessoa vulgar e abandonando de vez sua vida de casada.

Na realidade, não é a primeira vez que essa história acontece, vimos isso se repetir tanto em histórias de ficção como na vida real, em que as mulheres que não estão satisfeitas com seus companheiros procuram se satisfazer com qualquer outra pessoa.

A maneira com que foi relatada a crônica foi totalmente clara, pois lendo conseguimos ver uma diferença entre as interpretações do título com o decorrer da história, obtendo duas ideias diferentes.

Percebemos que muitas vezes não prestamos muita atenção ao que as pessoas realmente querem nos dizer, passando, assim, a nos conscientizar de que devemos estar mais atentos ao que realmente querem nos dizer.

Vimos que foi explicado como era a vida do casal e como o homem a ignorava, fazendo com que a mulher tomasse tal atitude.

Uma questão interessante para debatermos seria sobre o comportamento que o homem teve em relação a se casar com a mulher, pensando que ela só serviria para satisfazê-lo sem se importar se a mulher estava realmente feliz ao lado dele.

Alunas: Letícia Bacha e Flávia Bressanelli da turma 307 da Escola São Marcos
(http://hermes.ucs.br/cchc/dele/ucs-produttore/arquivos/revistadeletras_2.pdf)

Exercícios para o texto 1

- 1) No primeiro parágrafo, temos a opinião das autoras sobre o texto ou um resumo da história?
- 2) E no segundo parágrafo, temos opinião ou apenas resumo? Cite um trecho que comprove sua resposta.
- 3) No terceiro parágrafo, as alunas relacionam a ficção a quê?
- 4) O texto que você leu é um **DIÁRIO DE LEITURA**. Nele,
 - a) há apenas resumo do texto;
 - b) há apenas opinião das autoras;
 - c) há tanto resumo quanto opinião das autoras ao longo do texto.

ANEXO 2 – TEXTO E EXERCÍCIO UTILIZADOS NA ETAPA 2

TEXTO 2

Diário de Leitura

Livro: Amor inteiro para meio-irmão

Autora: Cristina Agostinho

Quando vi esse livro, fiquei com muita vontade de ler, pois o título parece muito comigo, porque tenho dois meio-irmãos, assim como o livro.

Achei que a autora mostrou muito bem o fato de pais se separarem e terem filhos depois de separados.

No livro, a personagem Lelena tem os pais separados e o pai se casa novamente e engravida a nova mulher. Lelena, assim como eu, fica cheia de dúvidas sobre como será sua vida após a chegada do novo irmão. Uma dessas dúvidas é se há uma diferença entre o amor que ele terá com esse “meio-irmão”.

Achei muito interessante o jeito com que a autora trata, nos gestos simples, que o amos, seja ele por “meio-irmão” ou “irmão-inteiro”, é sempre o mesmo.

É um livro que serve para leitores de todas as idades, pois Cristina mostra como o amor entre irmãos é muito importante.

Diário produzido por uma aluna da 7ª série do Colégio João XXIII no ano de 2007

TEXTO 3

Diário de leitura

Livro: Ana e Pedro - cartas

Autores: Viviana de Assis Viana e Ronald Claver

Não peguei esse livro por causa do título, eu peguei mesmo foi porque na biblioteca chegaram livros novos e esse é um deles.

Ao ir lendo o livro, vi que ele era muito interessante, pois não era igual aos livros que estou acostumada a ler, ele era em forma de cartas. Ana começa a trocar cartas com Pedro; ela de São Paulo, ele de Belo Horizonte, e daí começa a fluir a história.

Já no meio de livro, adorei o que os autores quiseram ensinar, e até associei ao que vimos em algumas aulas de Português. No decorrer da história, Ana e Pedro acabam se apaixonando. E é aí que os autores mostram que as pessoas podem se apaixonar através das palavras, o que eu particularmente acho lindo. E associei novamente às aulas de Português, pois vimos a questão da beleza. Ana e Pedro se apaixonam sem mesmo terem se visto, o que mostra que beleza não é nada fundamental quando a gente se gosta.

Acho que esse livro deveria ser lido por pessoas que acham que beleza é fundamental e não acreditam no amor verdadeiro, que pode existir sem ao menos vermos a pessoa fisicamente.

Diário produzido por um aluno da 7ª série do Colégio João XXIII no ano de 2007

Exercícios relativos aos textos 1, 2 e 3 - análise da compreensão dos alunos sobre o gênero por meio de exercícios escritos

a) No diário de leitura, é permitido expressar os sentimentos e as emoções? Retire um exemplo de cada um dos textos (2 e 3) para comprovar sua resposta, seja ela afirmativa ou negativa.

b) Assinale, abaixo, que ações que estão envolvidas na produção de um diário de leitura (levando em consideração os textos 1, 2 e 3):

- () expressar suas emoções;
- () discordar ou concordar com o autor;
- () sugerir outro final em narrativas;
- () questionar o autor;
- () relacionar o texto lido a outros textos, como filmes, livros, músicas, etc.
- () escrever em linguagem formal ou informal;
- () citar trechos interessantes;

- () não ter limite de linhas, ou seja, escrever espontaneamente tudo o que se pensa;
- () não ter ordem para escrever: pode-se opinar, resumir, questionar em qualquer ordem;
- () ler passivamente, sem se expressar;

ANEXO 3 – ELABORAÇÃO DE UM CONCEITO DE DIÁRIO DE LEITURA

- 1) O diário de leitura é um texto que se produz **à medida que** se vai lendo, ou seja, **durante a leitura**. Quais as **desvantagens** de se fazer o diário **ao final** da leitura do livro que você escolherá para ler?
- 2) O diário de leitura é o mesmo que um resumo? Cite diferenças entre **diário de leitura** e **resumo**.
- 3) Agora que você leu textos e refletiu sobre o diário, bem como as ações envolvidas nele, escreva, com suas palavras, um **conceito** de **diário de leitura**.

ANEXO 4 – ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DE UM DIÁRIO DE LEITURA (MACHADO, 2004, p. 67)

1) Observe o título do texto e registre no seu diário:

suas impressões: gostou ou não?

tem vontade de ler?

que tipo de texto espera encontrar? Sobre o que você acha que o texto trata?

2) Antes de iniciar a leitura, observe todas as informações - (verbais ou não-verbais) - que podem ajudá-lo a melhor compreender o texto: a última capa, a orelha, as notas sobre o autor, a bibliografia (se houver), o índice, as indicações bibliográficas etc. Anote tudo o que você julgar importante e as idéias que você já for tendo a respeito do texto a ser lido.

3) **À medida que você for lendo, vá registrando (sempre com frases completas):**

as relações que você puder ir estabelecendo entre os conteúdos do texto e qualquer outro tipo de conhecimento que você já tenha: livros ou textos que leu, aulas, músicas, filmes, páginas de Internet; sua experiência de vida etc.; as contribuições que julga que o texto está trazendo para: qualquer tipo de aprendizado que ele lhe traga, desenvolvimento de sua prática de leitura desenvolvimento de produção de textos sua futura profissão, alguma pesquisa que tem de fazer; algum trabalho que você vai realizar; sua vida pessoal; suas opiniões sobre o texto, sobre sua forma e seu conteúdo,

* vá discutindo as ideias do autor:

concordando ou discordando, levantando dúvidas; pedindo exemplos.

* vá registrando as dificuldades de leitura que encontrar e anotando os trechos que não compreender ou aqueles de que mais gostar;

* vá sintetizando as ideias que o autor coloca como mais importantes, as teses centrais e os argumentos que defende.

4. Sempre justifique suas opiniões!

**ANEXO 5 – LEITURA DE TEXTO SOBRE O GÊNERO TRABALHADO
(MACHADO, 2004, p. 76)**

O diário de leitura é um instrumento que possibilita uma leitura ativa, dialógica, com opiniões, dúvidas e relações com outros textos e com sua vida, uma vez que você pode fazer referência a outros textos que leu, a notícias que ouviu, a conversas que teve etc. Ele é a ferramenta que lhe permitirá agir como leitor ativo e crítico.

Toda vez que for ler um texto, permita-se ler da forma aqui trabalhada e você verá que, com o tempo, esse processo acontecerá naturalmente com qualquer leitura que fizer. É uma ferramenta muito útil na construção da resenha, pois você pode recuperar o diálogo que estabeleceu com o texto na elaboração da mesma.